

Foto divulgação

Voyage Fugu – 2007.

NO LIMITE DA PINTURA, DA FOTOGRAFIA E DO CINEMA

Trabalhando com fotografia, instalações de vídeo, esculturas, pintura e cinema, Miguel Rio Branco imprime sua originalidade, personalidade e sensível visão do mundo

Por Maria Rita Drummond

"abrir o olhar com farpas de luz, desejar o desejo do outro de se ver em teu olho, afagar com o foco, olhar pelo furo da alma, respirar a secura do sertão, transformar a câmera em bólide, excitar olhares desejantes, produzir sexualidade, iluminar o zero, sangrar filmes, articular índices, transgredir a obscuridade, moldar corpos imateriais, mirar o indizível, perverter aparências, atiçar traições aos significados, revelar ethos, embaralhar e vir-a-ser, deformar fotogenias, imprimir com hemácias, contaminar purezas, frustrar a sublimação, gemer a poética, deixar rastros de sombra, acordar as latências óticas, somar por subtração, acariciar à distância no tempo"

(Paulo Herkenhoff, em Notes on the Tides).

Cada vez mais a arte contemporânea é alvo de diversas críticas. Ainda que haja um alto grau de generalização, o fato é que com a proliferação de "artistas" e mídias, o conceito de arte passou a ser determinado por "autoridades" que criam o discurso programático e indicam o que deve ser comprado, porque e por quanto. Os códigos criados são incompreensíveis para a maioria do público, que já não sabe mais afirmar com segurança se um aparelho aquecedor em uma galeria de arte é de fato um mero aquecedor ou uma instalação artística.

Ao se distanciar do público, a arte contemporânea tornou-se precipuamente elitista, ditando quais temas são intrigantes o suficiente para alçar ao sucesso uma criação de difícil compreensão conceitual e estética. A imediata conexão e o prazer de se envolver com a beleza de uma obra de arte foram substituídos por uma cruzada extenuante pela (tentativa de) compreensão da subjetividade do artista.

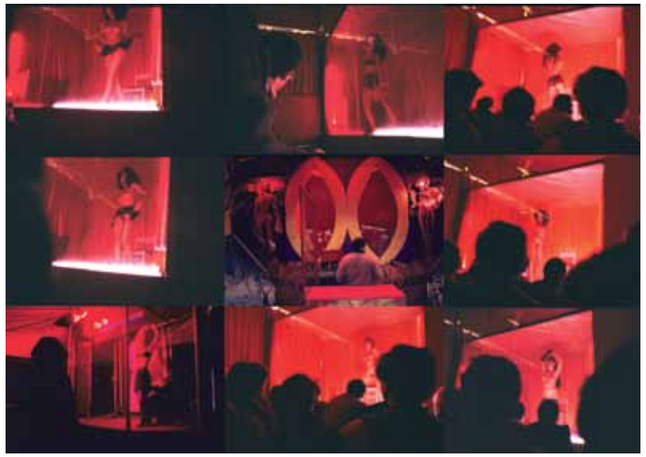
Não se pode advogar contra a complexidade da arte contemporânea, reflexo de um caos social e urbano e de um mundo interligado e bombardeado por inúmeros meios de comunicação e informação, e nem a favor de uma estética simplista, superficial ou decorativa. Ainda que a desconstrução conceitual e estética das obras artísticas seja coerente com o século XXI, não se pode deixar de constatar o vazio causado pela falta de uma base sólida ou de uma reflexão mais profunda que as sustente.

Toda essa perplexidade acerca do que é verdadeiramente arte, em face de tantas mídias e escolas artísticas da estética contemporânea, desaparece diante da obra múltipla de Miguel Rio Branco. O fotógrafo carioca, nascido nas Ilhas Canárias, é um verdadeiro e completo artista. Com uma obra predominantemente fotográfica, Miguel também trabalha com instalações de vídeo, esculturas, pintura e cinema. Seja em qualquer meio artístico, Miguel imprime sua originalidade, personalidade e sensível visão do mundo, por mais dura que seja a realidade retratada.

Pintura e cinema: a gênese da estética

Miguel começou a pintar com 15 anos e iniciou sua carreira profissional no cinema, como diretor de fotografia de diversos filmes e diretor geral de curtas-metragens. Formado pelo Instituto de Fotografia de Nova York em 1966, voltou ao Rio de Janeiro na década de 70 trabalhando como diretor de fotografia para cineastas como Gilberto Loureiro e Júlio Bressane. No final da década de 70, tornou-se correspondente da renomada Agência Magnum.

Naquela época, o interesse pela miséria e pela marginalização da população permeavam seus trabalhos. A direção de curtas-metragens expressava a temática social violenta, como em *Trio Elétrico* e *Nada Levarei Quando Morrer, Aqueles Que Me Devem Cobrarei No Inferno*. Nesses curtas há a exploração do diálogo que existe entre dor e amor, violência e sensualidade, riso e pranto, que calibram a tragédia da marginalização. Miguel reconhece que seus filmes são "uma porrada, mas têm uma suavidade que é brasileira". Preocupado em retratar as marcas deixadas pela passagem do tempo, pela violência e pela miséria, o artista consegue ainda captar o ritmo, a sensualidade, a força e a beleza também presentes.



A beleza e a poesia do trabalho de Miguel Rio Branco nascem da dureza do mondo cane que tanto o atrai. Dos lutadores de boxe da Lapa carioca, das prostitutas do Pelourinho aos cortiços de Havana, Miguel retrata a miséria de uma forma poética e não documental. A genialidade de seu trabalho está na sua capacidade de estabelecer uma nova linguagem e proporcionar, por meio de uma estética sublime, uma interpretação que transcende o objeto fotografado.

Lélia Wanick Salgado e Sebastião Salgado sintetizaram no pósfácio do livro de fotos de Miguel Rio Branco que sua maestria vem da habilidade de usar a cor como um pintor e a luz como quem faz cinema. A fotografia de Miguel Rio Branco proporciona uma experiência sensorial única.

Fotografia: arte que não é arte

Miguel Rio Branco já trabalhou com fotojornalismo, sendo um crítico contumaz da apropriação artística desse estilo de fotografia mais documental, antropológica e ilustrativa, considerando que os dois estilos não devem se misturar.

A fotografia artística precisa transcender a realidade ao retratar o objeto fotografado, aportando o seu olhar e revelando o invisível ao espectador. Em seu livro, *Notes on the Tides*, Miguel cita a seguinte frase de Edward Weston, um dos mais influentes fotógrafos americanos: "A câmera deve ser usada para revelar a vida, rendendo a verdadeira substância da coisa em si, seja ela o aço polido ou a carne palpitante". E comenta que a força essencial da fotografia é revelar a vida e não meramente documentá-la. Oscar Wilde dizia que antes de William Turner não existia crepúsculo, como se só a beleza do pôr-do-sol tivesse sido revelada por seus quadros.

Diferentemente da pintura, da música e da poesia, a fotografia não é antes de tudo arte, já que cumpre diversas funções práticas e corriqueiras da vida moderna, as quais não têm a menor pretensão de ser arte ou de ter um conteúdo artístico. Ainda assim, com sua democratização em meados do século XIX, a fotografia rompeu barreiras conceituais acerca da ideia do que seria uma obra de arte.

A fotografia libertou a pintura da prisão da representação, da mesma forma como a pintura abstrata influenciou a fotografia artística. Os anos 40 e 50 mostraram que a discussão sobre a natureza de arte da fotografia era impertinente. O modernismo na época aplaudia a forma despretensiosa com que a fotografia subvertia os objetivos tradicionais da arte. Naquela época, Cartier-Bresson defendia as imagens em preto-e-branco, para que se respeitassem os limites entre a pintura, que era dominada pela cor.

Miguel Rio Branco não só ultrapassou esse limite, como se apropriou da cor para compor suas imagens de maneira tão única e poética. Na série Havana, realizada em suas duas visitas a Cuba entre 1994 e 2001, o fotografo explica que, embora a marca do tempo na arquitetura e nas pessoas o tenham fascinado, o tom da luz e as cores da cidade são o tema das imagens. Como o amarelo para Tintoretto, Miguel Rio Branco não esconde sua predileção pelo vermelho. As imagens da série das prostitutas e dos lutadores de boxe são inundadas pelo vermelho e pela luz que aponta a resistência do corpo repleto de marcas.

Japão e natureza

O cineasta mexicano Alejandro González Iñarritu convidou Miguel Rio Branco, a quem considera um dos poucos gênios do cenário artístico mundial, para ser o diretor de fotografia das imagens do Japão de seu filme *Babel*. A experiência foi marcante para o artista, que em 2007 voltou para realizar um intercâmbio, no qual o brasileiro fotografou a capital japonesa enquanto o japonês Daido Moryama fotografou a cidade de São Paulo. Os trabalhos foram expostos no Museu de Arte Contemporânea de Tóquio (MOT), em 2008.

A exposição das fotografias do artista tiradas no Japão pode ser vista no Rio de Janeiro, na Galeria Silvia Cintra, até o final de setembro deste ano. Em recente entrevista sobre a exposição, o artista brinca que "se quiser conhecer Tóquio, melhor pegar um avião e ir para lá, pois nas minhas obras só irá ver as viagens de um artista".

Na exposição "Miguel Rio Branco – divagações de um fugu delirante", que já passou por São Paulo na Galeria Milan, o fotógrafo se definiu como um fugu delirante, o peixe servido como sashimi, mas que solta um veneno que na dose errada pode matar. Exatamente esse limiar entre o prazer e a morte que sempre interessou o artista, que ao observar o peixe em seu aquário se identificou com o animal, como sendo ambos voyeurs aprisionados.

Nas demais imagens, a cultura japonesa é retratada como uma pintura, através do olhar atento aos detalhes e sutilizas. As imagens de homens e mulheres aparecem em fragmentos, provocando certa desorientação no espectador.

A relação dos japoneses com a natureza encantou o fotografo, que considera que esse trabalho representa uma mudança de uma arte urbana para algo que talvez não passe pela fotografia, mas que esteja ligado com a natureza. De um artista que transita com tanta facilidade entre as mídias, que trabalha luz e cor com maestria, e imprime sua forma poética de ver o mundo com tanta coerência, só resta aguardar o que tais novas investigações sobre a natureza transformarão em arte.

Miguel Rio Branco é de um dos artistas nacionais com maior projeção no exterior, com obras no acervo de coleções públicas e particulares europeias e americanas, e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo; o Museu de Arte de São Paulo; Centro George Pompidou, em Paris; o San Francisco Museum of Modern Art; o Stedelijk Museum, em Amsterdam; o Museum of Photographic Arts of San Diego e no Metropolitan Museum de Nova York. No Centro de Arte Contemporânea Inhotim (MG) está em construção um pavilhão subterrâneo para acolher exclusivamente a sua obra.



Página da esquerda: Strip-tease. Acima: Carro Cubista Cinza; Blue Tango e Espelho Corrompido. Fotos divulgação.